

Rockefeller apóia a postura brasileira de renegociação

por Jurema Baesse
de Brasília

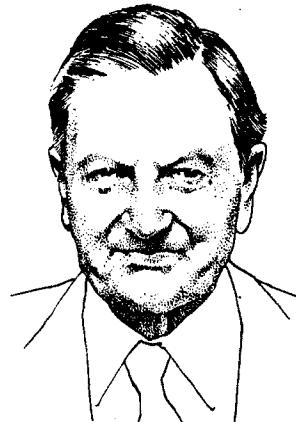
Um dos maiores banqueiros do mundo, o norte-americano David Rockefeller, atualmente presidente do Conselho Consultivo Internacional do Chase Manhattan Bank e até 1980 diretor-executivo da instituição, manifestou ontem, à imprensa, após audiência com o presidente José Sarney, que apóia a nova postura brasileira diante da renegociação de sua dívida externa junto à comunidade financeira mundial.

"Nenhuma nação deve ser obrigada a recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI), caso ela não considere que essa seja a melhor solução para os seus problemas", afirmou. Segundo Rockefeller, "o Brasil estabeleceu com o FMI um relacionamento que considera ser o que melhor atende aos seus interesses", respondeu o banqueiro ao ser indagado sobre a nova postura do Brasil frente ao FMI e aos banqueiros privados.

Apesar de Rockefeller insistir em que não veio ao Brasil na qualidade de banqueiro de um dos maiores bancos credores do País, e sim como presidente da Organização Sociedade das Américas, três das quatro únicas perguntas que lhe puderam ser feitas durante a entrevista coletiva que concedeu ontem à imprensa foram voltadas para a questão do endividamento externo e do relacionamento do Brasil com a comunidade financeira internacional.

"FMI É ÚTIL"

Na opinião de Rockefeller, "o FMI prestou um papel muito útil, ajudou mui-



David Rockefeller

tos países a tratar problemas difíceis com importância no plano externo, mas nenhuma nação deve recorrer ao Fundo se não tiver necessidade, se tiver condição de resolver os seus problemas sem fazer uso do FMI".

Para Rockefeller, "não há silêncio por parte dos banqueiros privados" com relação à postura de independência desejada pelo Brasil na renegociação dos seus débitos, ou diante da posição do presidente Sarney de "não pagar a dívida externa com recessão". O que ocorre, segundo o presidente da Organização Sociedade das Américas, "é que talvez eles (os banqueiros) estejam preocupados com a inflação do Brasil e com a capacidade do País de manter o nível de crescimento econômico que apresentou até agora".

O presidente José Sarney, por sua vez — segundo relato do embaixador Rubens Ricupero, assessor do presidente para Assuntos Internacionais —, afirmou a Rockefeller que "a taxa

de crescimento econômico no ano passado foi maior do que era esperado". E este resultado, acentuou Sarney a Rockefeller, "trouxe alívio para o País e esperança para setores da atividade econômica do Brasil que estavam recessivos há alguns anos". O presidente Sarney concordou com o banqueiro norte-americano no tocante à enfase a ser dada ao setor privado como o sustentáculo do crescimento econômico. Sarney observou a Rockefeller, que, "no passado recente do País, o crescimento foi mais observado nas empresas privadas do que nas estatais".

DIFICULDADES

O presidente destacou que, no início do seu governo, enfrentou dificuldades diversas com a morte do presidente Tancredo Neves e, já passado o primeiro ano da sua gestão, "tem mais segurança no desenvolvimento econômico inaugurado em 1985". Para Sarney, "o desenvolvimento deve ser fincado na iniciativa privada, que deve ser o carro-chefe do crescimento. E, sem liberdade econômica, não há também liberdade política", assinalou.

Com relação ao estudo que a Organização Sociedade das Américas está elaborando, com a participação do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, com o objetivo de estudar soluções novas para o crescimento das economias dos países latino-americanos, o presidente Sarney destacou a Rockefeller que "todo estudo que for feito de forma racional será uma contribuição valiosa para o estudo do problema da dívida externa".

O estudo que a Organização de Rockefeller está promovendo tem como objetivo "criar um modelo novo de crescimento para os países do hemisfério Sul, baseado na certeza de que uma solução permanente para o problema da dívida será impossível sem que haja crescimento econômico nos países endividados." E este pensamento, garantiu o ex-diretor executivo do Chase — é também compartilhado pelos seus colegas banqueiros. "Eu acredito que eles também concordam que uma solução permanente de pagamento da dívida deve incluir uma posição de crescimento destes países."

RELATÓRIO

Na reunião que Rockefeller manteve em Buenos Aires, no início desta semana com representantes de dez países latino-americanos, segundo informou, foi analisado o relatório preliminar elaborado pelo grupo de economistas da Organização. O trabalho indicou, disse ele, que, "na política de crescimento observada, muita ênfase tem sido dada ao crescimento proporcionado pelo setor público, enquanto, nas economias em que o crescimento foi baseado no setor privado o sucesso obtido foi mais duradouro". Com uma crítica velada ao crescimento brasileiro, que em 1985 foi sustentada principalmente pelo setor público, Rockefeller assinalou que "a nossa ideia é de que o crescimento deve ser segurado pelo setor privado". Mas imediatamente afirmou que "eu gostaria de enfatizar que a Organização não quer, de modo algum, impor o seu modelo de crescimento".